LÍNGUA COMO PODER DE INFLUÊNCIA: o francês no cenário internacional

LANGUAGE AS POWER OF INFLUENCE: the french on the international stage

LENGUAJE COMO PODER DE INFLUENCIA: El francés en el escenario internacional

ANDRIK BARBOSA RISSO
Mestrando do Programa de Pós-graduação em Cognição e Linguagem (UENF)
andrikrisso@hotmail.com.

SÉRGIO ARRUDA DE MOURA
Doutor em Letras (URRJ)
arruda@uenf.br

RESUMO

Neste artigo, pretende-se analisar as políticas linguísticas para a manutenção do status de uma língua no cenário internacional, identificando suas etapas de desenvolvimento e sustento. Além disso, é preciso identificar a dinâmica desse status, examinando o modo pelo qual a língua nasce, cresce e decai. E por fim, apontar o caso do francês, idioma já considerado como língua da diplomacia, mas que hoje luta por uma posição internacional de destaque contra um possível monopólio linguístico global da língua inglesa.

Palavras-chave: Sociolinguística, Políticas Linguísticas, Língua Nacional, *Soft Power*, Francês

ABSTRACT

In this article, we intend to analyze the language policies to maintain the status of a language in the international scenario, identifying its stages of development and livelihood. In addition, it is necessary to identify the dynamics of this status by examining the way in which language is born, grows, and decays. Finally, mention the case of French, a language already considered as the language of

diplomacy, but which today fights for a prominent international position against a possible global linguistic monopoly of the English language.

Keyword: Sociolinguistics, Language Policies, National Language, Soft Power, French

RESUMEN

En este artículo, tenemos la intención de analizar las políticas lingüísticas para mantener el estado de un idioma en el escenario internacional, identificando sus etapas de desarrollo y soporte. Además, es necesario identificar la dinámica de este estado mediante el examen de la forma en que el lenguaje nace, crece y decae. Finalmente, mencione el caso del francés, un idioma que ya se considera el idioma de la diplomacia, pero que hoy lucha por una posición internacional prominente contra un posible monopolio lingüístico global del idioma inglés.

Palabras-clave: sociolingüística, políticas lingüísticas, idioma nacional, poder suave, francés

INTRODUÇÃO

Para um estado nacional, a língua representa um dos tópicos que juntos o incorporam. Soberania, cultura e identidade são alguns que, dentre outros, se atrelam a uma estrutura política, reforçando o conceito de pátria identificado por Di Renzo (2012). Com isso, a construção de uma língua nacional é apreciada politicamente, pois pode simbolizar um estado unificado, com uma nação já bem definida.

Um estado nacional que tem uma língua que se torna símbolo de sua nação pode fazer dela uma grande ferramenta de influência internacional, o que traria, de certa forma, poder no atual cenário internacional e globalizado. Ter uma língua que é apreciada por outras nações ao ponto de ser utilizada

nas negociações políticas, nos trâmites comerciais, nos principais eventos e organizações internacionais, faz com que sua cultura seja reconhecida internacionalmente uma vez que a língua está atrelada à cultura, elevando também sua importância político-econômica em suas relações com outros países do globo.

Por muito tempo, a humanidade viu certas línguas ocuparem esse lugar no mundo, podendo identificar que depende muito do poder de influência de um país para que a sua atinja esse status de "língua global", onde já foi possível identificar que esta não é uma posição permanente, e que os estados investem para que elas ocupem lugares de destaque no mundo.

Observa-se, portanto, neste trabalho, que uma língua pode entrar em um ciclo, onde é constituída de um nascimento, que é quando ela se estabelece como língua de um povo, de uma nação. Em seguida, ela cresce de acordo com o poder de influência internacional de sua nação sobre os outros países. E por fim, ela pode decair caso uma outra potência surja no cenário internacional. Sem deixar de mencionar como o estado trabalha sobre as políticas linguísticas para reforçar a sua luta por uma permanência em uma posição de destaque, ainda que não seja a primeira, para evitar uma possível monopolização linguística global.

Nesta pesquisa pretendemos dividir as ideias em três blocos que identificamos necessários para alcançar os objetivos pretendidos. Primeiramente, nos embasaremos em alguns conceitos linguísticos. É preciso entender o conceito de Língua Nacional, que nos permitirá compreender como a língua nasce e se torna parte de uma pátria e a sua importância política para um estado nacional. Em seguida, entender alguns conceitos sociolinguísticos, que se dão sobre algumas reações sociais sobre a língua. Só então, falaremos sobre as políticas linguísticas, para analisarmos as estratégias de um estado para difundir e organizar internamente e internacionalmente o uso de sua língua.

Em segundo lugar, trabalharemos com alguns conceitos das relações internacionais para entendermos a complexidade do cenário internacional, da diplomacia e do poder de influência dos países. Portanto, pretendemos evocar o conceito de *soft power* (poder suave), que analisa as relações de poder

estratégico de influência cultural dos países, a exportação da cultura e de seu modo de viver. É por meio deste conceito que os países fazem difundir sua língua, através da ciência, da educação, da literatura, da música, do cinema, entre outros. Aqui também falaremos de soberania, de diplomacia e das estratégias pensadas para o alcance cada vez mais alto de seu status internacional da língua.

Para a terceira parte, faremos a análise de uma língua específica, que é o francês. Este idioma foi escolhido por ser identificado que seu status já passou pelas três etapas mencionadas: nascimento, crescimento, declínio e a luta por uma posição democrática no cenário internacional, contrapondo a homogeneização do uso único do inglês, que ocupou o lugar do francês a partir do momento em que os Estados Unidos passaram a estar na posição de grande potência internacional, além do seu poder de influência e *soft power* bem aplicados principalmente durante a guerra fria, exportando o seu *american way of life* (jeito de vida americano).

No caso do francês, ele surge como língua da França a partir de políticas linguísticas internas para monopolizar o idioma dentro de suas fronteiras. O país se desenvolve não só política e economicamente, mas também culturalmente. As ideias filosóficas e a literatura são exportadas para toda a Europa, assim como para as colônias. A língua cresceu e se manteve como língua da diplomacia por anos, até acontecer a explosão norte-americana.

Para contrapor o monopólio linguístico, o francês transcende para a Francofonia, que compreende o espaço dos países que possuem o francês como língua oficial ou administrativa. Assim, a língua francesa rompe as barreiras da França, que através do imperialismo, levou o idioma para os cinco continentes, criando uma rede de 54 Estados e Governos membros da Organização Internacional da Francofonia (OIF).

O status de uma língua no cenário internacional dependeria do poder de influência de um país sobre os outros. De como ele exporta a sua cultura para o resto do mundo e como defende o uso de sua língua em ambientes de negociação, como em organizações internacionais e em eventos a níveis globais como os Jogos Olímpicos, a Copa do Mundo, entre outros.

A LÍNGUA NACIONAL

A ideia de língua nacional está ligada ao Estado. Esta vai além das fronteiras territoriais, e cria seus próprios limites dentro da fronteira linguístico-imaginária. “É constitutiva da noção de Estado a ideia de unidade, específica e espacialmente linguística; justamente por isso se diz que fronteiras se dão no espaço do imaginário” (DI RENZO, 2012).

Segundo Thiesse (2001), nada seria tão internacional quanto a criação das identidades nacionais. Pode-se concluir que uma nação é reconhecida internacionalmente pela sua identidade. Uma cultura nacional autêntica pode demonstrar originalidade na sua história. Isso também pode explicar quando se deposita força em uma língua, pois nela também reside a alma de uma nação. Se pensarmos no viés literário, por exemplo, compreende-se que língua, literatura e povo fazem parte de uma única coisa.

Para Di Renzo (2012), uma nação se garante pelo seu patrimônio cultural, sendo identificada a importância de sua preservação. Para a autora, é possível atrelar “uma língua = uma nação”, e ela menciona a perpetuação dos aparatos linguísticos como gramáticas e dicionários. Ela também observa que a identidade cultural pode ser construída através de um sistema educativo forte. Igualmente, a imprensa tem um papel importante na relação do sentimento nacional com a língua. A língua nacional existe por fatores obrigatórios. Na França, por exemplo, iniciou-se com o francês imposto, inicialmente, para atos jurídicos.

Ainda segundo Di Renzo (2012), a língua nacional pode ter das funções: a primeira seria para uniformizar a diversidade linguística e a segunda para assegurar uma comunicação horizontal e vertical, sendo de caráter geográfico ou social, pois todos devem utilizar a língua de maneira bem sucedida. “O idioma oficial deve convencer seu povo de que sua língua é uma verdadeira língua de cultura” (DI RENZO, 2012). E para Thiesse (2001), uma língua nacional se torna forte quando ela é instaurada de forma a ser sistematizada pela elaboração de sua gramática, da suas formas ortográficas e de dicionários para ser ensinada.

Para Di Renzo (2012), “a elaboração de um conjunto de tradições culturais se constitui num imbricamento com a constituição de uma língua nacional, pois é a semântica dessa língua que investe de valor cultural os objetos materiais que a significam e significam a nação”. Para melhor explicar, trazemos Rousseau (2018) que em sua obra cita:

> Observar no fato concreto e mostrar com exemplos como o caráter, os costumes e os interesses de um povo têm influência sobre sua língua seria matéria para um exame de grande valor filosófico. (ROUSSEAU, 2018, p. 176)[1]

SOCIOLINGUÍSTICA E POLÍTICAS LINGUÍSTICAS

O conceito de Sociolinguística, para ser bem direto, é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, ou seja, em situação real de uso (Alkmim, 2012). A partir dela, é possível ter noção sobre as variáveis linguísticas ao estudar uma comunidade linguística, pois cada uma se distingue pelo jeito de falar.

O francês nasceu e se desenvolveu pela França, que possuía em seu território outras línguas, que foram pouco a pouco cedendo lugar à língua do rei. Além das variáveis linguísticas na França metropolitana, a partir do imperialismo, outras partes do mundo começam a ter o francês como língua oficial ou administrativa, aumentando ainda mais a diversidade linguística dos falantes do idioma.

Para Calvet (2007), com o a problemática levantada pela Sociolinguística, é que surge a necessidade de um planejamento linguístico. O autor também faz uma associação com o surgimento de reflexões sobre as relações entre língua e nacionalismo. Esse pensamento transcende para problemáticas que vão além das fronteiras territoriais e diz que “há também uma política linguística da francofonia, da anglofonia, etc. Desse ponto de vista, a emergência de novas nações terá simplesmente servido como um revelador” (CALVET, 2007, p. 19).

[1] *Remarques sur la grammaire générale et raisonnée*, do Sr. Duclos, p 2.

Neste sentido, entende-se que a língua faz parte da história de um povo. Ela nasce e se desenvolve com a sociedade. Partindo desta dinâmica, entende-se que considerar a língua como apenas estrutural, seria uma análise muito rasa (CALVET, 2002). Com isso, Labov (2008) explica que:

> Os fatos da heterogeneidade, até agora, não se harmonizaram bem com a abordagem estrutural da língua. [...] Pois quanto mais os linguistas têm ficado impressionados com a existência da estrutura da língua, e quanto mais eles têm apoiado essa observação com argumentos dedutivos sobre as vantagens funcionais da estrutura, mais misteriosa tem se tornado a transição de uma língua de um estado para outro. Afinal, se uma língua tem de ser estruturada, a fim de funcionar eficientemente, como é que as pessoas continuam a falar enquanto a língua muda, isto é, enquanto passa por períodos de menor sistematicidade? [...] A solução, argumentaremos, se encontra no rompimento da identificação de estruturalidade [*structuredness*] com homogeneidade. (LABOV, 2008, p.16)

Calvet (2007) também observa que devemos diferenciar com cautela: as decisões do poder (política) e a passagem à ação (o planejamento), apensar dos pesquisadores europeus estarem mais preocupados com a questão do poder, enquanto, por exemplo, os sociolinguistas catalães estão preocupados com a substituição de um poder por outro.

Portanto, as políticas linguísticas surgem para criar planos para desenvolver a língua, em vários ramos que, ligadas ao Estado, trabalharão em escalas internas e externas, indo desde a preocupação com o ensino da língua materna, que refletirão em estratégias políticas para a construção do Estado-Nação, até a preocupação com o status internacional, a posição que ela ocupa no mundo, o ensino como língua segunda ou língua estrangeira, entre outros.

SOFT POWER (PODER BRANDO/SUAVE)

Nas relações internacionais existem duas correntes desenvolvidas para classificar os dois tipos de poder de influência: o *Hard Power* (poder duro) e o *Soft Power* (poder suave). O primeiro se refere ao poder militar e econômico, já o segundo, do poder de influência por meio da exportação de sua cultura e modo de vida, com capacidade de seduzir outras nações. Para as análises

desta pesquisa, utilizaremos como base o *Soft Power*, pois entende-se que a língua está atrelada à cultura, e até mesmo na educação e na tecnologia.

Joseph Nye (2005) definiu o conceito:

> É a habilidade de conseguir o que se quer pela atração e não pela coerção ou por pagamentos. Surge da atratividade por um país por meio de sua cultura, de sua política e de suas ideias. Quando se consegue que os outros admirem suas ideias e queiram o que você quer, não é preciso gastar muito com políticas de incentivo e sanções para movê-los na sua direção. A sedução é sempre mais eficaz que a coerção, e muitos dos valores como democracia, direitos humanos e oportunidades individuais são profundamente sedutores. (NYE, apud BALLERINI, 2017, p. 17)

E para complementar, Cronin (2004) ainda explica que:

> Poder suave é a capacidade de conseguir um resultado desejado porque os outros querem o que você quer. [Trata-se de] atingir objetivos por meio da atração e não da coerção. Por meio do poder suave, é possível convencer os outros a seguir regras ou concordar com elas, produzindo um comportamento desejado [...]. Ele se estabelece por meio das ideias e da cultura, sobretudo se o estado ou organização consegue fazer seu poder parecer legítimo aos olhos dos outros. [...]. Se isso é bem-feito, o estado ou a organização não precisará utilizar os custosos recursos tradicionais de poder duro (*Hard Power* – poder duro (econômico ou militar)) [...]. A sutil, mas bem-sucedida propagação da cultura popular americana (produtos, tecnologia, comida, música, moda, filmes etc.) aumentou consideravelmente o conhecimento global sobre o país e também a receptividade dos ideais e valores americanos. A influência do poder suave americano não foi intencional, mas um subproduto inadvertido de seu sucesso cultural e econômico. É importante notar que o poder suave precisa ser crível para ser eficiente (CRONIN, apud BALLERINI, 2017, p. 17)

Portanto, assim como o futebol, a ciência, a língua e a cultura podem constituir um exemplo de poder que seduz, sendo este o suficiente para manipular uma multidão sem precisar fazer uso da força bruta (BALLERINI, 2017). Um outro grande exemplo disso é a fé. O Vaticano e a Igreja Católica fazem uso da fé para manipularem um enorme número de pessoas, se tornando, assim, um Estado influente no cenário internacional, mesmo tão pequeno e com praticamente nenhum poder militar.

Segundo o *Soft Power 30*[2], em 2018, a França alcançou o segundo lugar no ranking mundial dos países com mais poder suave, ficando atrás penas do Reino Unido. As pesquisas levam em consideração o empreendedorismo, a cultura, o governo, a amplitude digital, o comprometimento e a educação. O site tem como objetivo classificar os 30 países pais influentes através do *soft power*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível perceber que o status da uma língua se modifica ao longo do tempo, pois isso depende de algumas variantes. A posição máxima no cenário internacional é atingida a partir da posição dos países que praticam o idioma. Fatores como a política, economia, cultura, educação, etc, são os que vão influenciar neste status.

Com a língua francesa funciona desta mesma forma. O posição mundial que a França já ocupou fez do francês a língua da diplomacia. Porém, com o avanço da globalização e outros eventos históricos, hoje, é o inglês a língua dos negócios internacionais.

Segundo Dominique Wolton (2009), a língua francesa teve fases ao longo da história. Atualmente a francofonia existe para caminhar junto a esse novo momento do mundo que é a globalização. O autor ainda explica que:

> Vê-se que a situação da língua francesa não é brilhante. Tem-se que fazer muita coisa, e rapidamente, se quisermos manter o francês em bom nível internacional. E os “realistas” não querem compreender que apenas a francofonia é capaz de cumprir essa tarefa. (WOLTON, 2009, p. 19)

Esta nova fase, com ideias liberais de integração a partir de uma língua, é a principal para promover o plurilinguismo. Mas é importante ressaltar que junto com a língua, vão valores culturais, que adentram culturas não europeias,

[2] Fonte: https://softpower30.com/ acesso em 5 de julho de 2019

como os valores da democracia e dos direitos humanos. Portanto, o uso da língua leva consigo princípios que promovem culturalmente as nações desenvolvidas, principalmente a França. Isto posto, a língua como ferramenta de *soft power*.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia Maria. **Sociolinguística** (Parte I). In: Introdução à Linguística: domínios e fronteiras, volume 1. Orgs: MUSSALIM, F.; BENTES A. C.. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

BALLERINI, Franthiesco. **Poder Suave (Soft Power).** São Paulo: Summus, 2017.

CALVET, Louis-Jean. **As Políticas Linguísticas.** São Paulo: Parábola Editorial: IPOL, 2007.

_____. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

DI RENZO, Ana Maria. **Estado, a Língua Nacional e a Construção das Políticas Linguísticas.** Campinas: Pontes Editores, 2012.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

LAGARES, Xoán Carlos. **Qual Política Linguística?**: desafios glotopolíticos contemporâneos. São Paulo: Parábola, 2018.

NYE, Joseph S. **O Futuro do Poder.** São Paulo: Benvirá, 2012.

_____. **Soft power: the means to success in world politics.** Nova York: Public Affairs, 2005.

_____. **The powers to lead.** Oxford: Oxford University Press, 2008.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Ensaio Sobre a Origem das Línguas.** 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

THIESSE, Anne-Marie. **La création des identités nationales.** Europe XVIII-XX siècle. Editions du Seuil, 2001.